

Adesão das mulheres ao exame papanicolau: uma revisão de literatura

Georgia Gabriele dos Santos¹
Rayana Carla Silva de Morais²

Resumo

O câncer uterino é considerado problema de saúde pública em países em desenvolvimento, por apresentar alta taxa de mortalidade em mulheres de nível socioeconômico baixo e em idade sexualmente ativa. No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer aponta para 2020 a ocorrência de 16.590 casos a cada 100 mil mulheres. Diante disso, o objetivo foi realizar uma revisão da literatura sobre a adesão das mulheres ao exame de citologia diagnóstica. Observa-se que muitas mulheres não aderem ao exame Papanicolau pela falta de informação sobre o mesmo, a falta de conhecimento detalhado sobre o que é o câncer de colo de uterino, os malefícios que causa, assim, quando não descoberto precocemente e não tratado justifica dificuldade de muitas não realizarem o procedimento. Desta forma, medidas de prevenção e promoção da saúde devem promover o conhecimento acerca do tema, possibilitando o público feminino a se disporem para a prática do exame.

Palavras-chave: Adesão; Mulheres; Câncer; Colo Uterino; Papanicolau.

1 Introdução

O câncer de colo uterino foi reconhecido como um problema de saúde no final do século XIX. Dada à facilidade de acesso a cérvix, logo após essa época teve início os estudos clínicos, microscópicos e epidemiológicos acerca dessa doença (KOOS, 2006, p.79).

O câncer uterino hoje é considerado um problema de saúde pública em países em desenvolvimento, por apresentar uma alta taxa de mortalidade em mulheres de nível socioeconômico baixo, em idade sexualmente ativa e com dificuldade de acesso ao serviço de

¹Centro Universitário da da Vitória de Santo Antão - UNIVISA, Acadêmica do curso de Biomedicina da Universidade da Vitória de Santo Antão – UNIVISA georgiagabriele1998@outlook.com.

²Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA, Professora do curso de Biomedicina da Universidade da Vitória de Santo Antão – UNIVISA rayanacarla@univisa.edu.br

saúde (MELO et al., 2009, In BRENNAN et al., 2001). No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) aponta para o ano de 2020 a ocorrência de 16.590 novos casos, com um risco estimado de 12,6 casos a cada 100 mil mulheres (INCA, 2020). As taxas de incidência e de mortalidade no Brasil apresentam valores medianos em relação aos países em desenvolvimento, porém altas quando comparadas às de países desenvolvidos, os quais possuem campanhas de prevenção de câncer de colo de útero que realizam o diagnóstico precoce (FALCÃO, 2014). Proposto pelo doutor George Papanicolaou, o exame de citologia diagnóstica passou a ser realizado em 1943, para detecção e prevenção do câncer, sendo popularmente chamado de exame Papanicolaou ou preventivo. O exame preventivo, além de grande importância para a saúde das mulheres, é um procedimento de detecção de lesões pré-invasivas e, conseqüentemente, instrumento primordial para diminuição da mortalidade por essa patologia (FERREIRA et al., 2009; PELLOSO et al., 2004). O Ministério da Saúde (MS) recomenda que o exame Papanicolaou seja realizado em mulheres de 25 a 64 anos de idade, ou que já tenha tido atividade sexual mesmo antes desta faixa de idade, a intervalos anuais e após dois exames anuais consecutivos negativos, a cada três anos (FALCÃO, 2014).

O principal fator associado à ocorrência desta neoplasia é a infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV), porém há outros fatores que podem levar ao desenvolvimento da doença, como o início precoce da vida sexual, tabagismo, múltiplos parceiros sexuais, questões culturais, como medo e preconceito dos parceiros, entre outros (FALCÃO, 2014). O HPV é um vírus transmitido sexualmente, e, até o momento, existem mais de 100 tipos, os quais podem ser classificados de acordo com sua propensão em infectar e seu potencial de oncogenicidade. Os tipos oncogênicos de HPV que estão relacionados com o câncer de colo uterino são o 16 e 18; que se representam cerca de 70% dos casos no mundo (SANTOS et al., 2013; ANJOS et al., 2009). As lesões precursoras do câncer uterino são classificadas por diferentes graus e conhecidas como neoplasia intraepitelial cervical (NIC) de graus I (lesões de baixo grau), II e III (lesões de alto grau) e também o adenocarcinoma *in situ* (AIS); sendo a NIC I uma infecção temporária causada pelo HPV, possuindo grandes chances de cura quando tratadas precoce e adequadamente (MELO, 2017).

As lesões pré-cancerosas se caracterizam por desordem das estruturas do epitélio e anormalidades nucleares. No entanto, as lesões de baixo grau ou NIC I tem origem no epitélio escamoso maduro da cérvice, área exposta ao meio externo. Isso pode explicar a alta taxa de diminuição dessas lesões, mesmo com a região afetada conservada é possível detectar anormalidade nos núcleos e nas camadas epiteliais superiores, pois os núcleos apresentam-se maiores com contornos irregulares e podem evidenciar uma atipia, ou seja, número anormal de cromatina (KOOS, 2006, p. 101). Já as lesões de alto grau, que são as NIC II e III, podem variar com relação às características do citoplasma das células, grau de alteração nuclear e o tamanho das células, havendo esse tipo de lesão

três classificações: lesões queratinizantes, as quais se iniciam na cérvix e pode prolongar-se para o epitélio vaginal adjacente; lesões de células médias e grandes, que pode estender-se para a ectocérvice, que são compostos por células cancerosas de médio e grande porte; lesões de células pequenas, cujo aspecto celular é parecido com o carcinoma *in situ* (KOOS, 2006, p. 101). Ou seja, o carcinoma *in situ* é o primeiro estágio que o câncer pode ser classificado, as células cancerosas se encontram apenas na primeira camada a qual se originaram e ainda não evoluíram para outras camadas (INCA, 2020). Diante disso, o objetivo dessa pesquisa é identificar e caracterizar os fatores que influenciam a aderência das mulheres ao exame de citologia diagnóstica.

2 Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, buscando revisar os conteúdos disponíveis sobre a temática. Foram realizadas buscas e análises de artigos dos últimos 12 anos (2008-2019) em português, disponibilizados nas bases de busca: Scielo e Google acadêmico. Essas buscas foram realizadas no período de maio a setembro de 2020, utilizando o cruzamento dos seguintes descritores: “Adesão”, “Mulheres”, “Colo Uterino” e “Papanicolau”. Foram encontrados 3 arquivos na base Scielo e 3740 no Google acadêmico.

Baseado no resumo e título, foi realizado um refinamento e foram selecionados apenas artigos mais condizentes com o tema proposto inicialmente. Foram excluídos teses, dissertações, monografia e resumos simples publicados em congresso. Portanto, foram selecionados 3 artigos na base Scielo e 6 no Google acadêmico (Quadro 1.). Os dados extraídos foram utilizados de forma descritiva para discorrer sobre: A aderência das mulheres ao exame de citologia diagnóstica.

Quadro 1. Quantitativo de artigos encontrados nas plataformas de busca de dados relacionando com a exclusão ou não do trabalho.

Base de dados	Encontrados	Pré-selecionados	Excluídos	Incluídos
Google Acadêmico	3740	20	14	6
Scielo	3	3	0	3

Fonte: A autora.

3 Resultados e Discussão

A população feminina tem realizado os exames, porém a taxa de mortalidade através do câncer de colo uterino não diminuiu (MENDONÇA, 2008). O fator mais comum está associado aos problemas socioeconômicos, vergonha/timidez e o fato de muitos postos de saúde não oferecerem o exame, e, quando é oferecido, acaba sendo em pequena quantidade. A falta de conhecimento detalhado do que é o câncer e os malefícios que traz interfere, na maioria das vezes, na adesão das mulheres ao procedimento.

Baseado na revisão da literatura, foi construído o quadro 2, demonstrando as principais conclusões dos artigos selecionados.

Quadro 2. Principais tópicos dos artigos selecionados a partir da revisão da literatura.

Citação	Título	Objetivo	Conclusão Principal
CRUZ; LOUREIRO, 2008.	A Comunicação na abordagem preventiva do câncer do colo do útero: importância das influências histórico-culturais e da sexualidade feminina na adesão às campanhas.	Lançar estratégias que estimulem as mulheres a aderirem ao exame, como, por exemplo, campanhas de prevenção.	Verificou-se que programas de rastreamento são ofertados gratuitamente as mulheres, mas existem barreiras que contribuem para a não adesão das mesmas e um deles é a linguagem usada na abordagem de comunicação pelos programas, onde muitas mulheres não se identificam ou se sentem constrangidas.
OLIVEIRA et al., 2010.	Estudo sobre a adesão ao exame citopatológico de Papanicolau em um grupo de mulheres.	Analisar os fatores que facilitam e dificultam a adesão ao exame Papanicolau, além do conhecimento feminino acerca desse procedimento.	Foi identificado dificuldades para o acesso das mulheres a realização do exame, algumas dessas dificuldades são financeiras, longo período de espera para marcar consultas e serem atendidas. Um dos principais motivos para a não realização do exame foi a falta de interesse da paciente e ausência de sintomas.
CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010.	Conhecimento, atitude e práticas na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes.	Identificar o conhecimento da população adolescente acerca da prevenção do câncer de colo de útero e infecção pelo HPV.	É necessário campanhas de conscientização das instituições de ensino para os jovens, sobre os riscos das relações sexuais desprotegidas, cujo um dos riscos é a infecção pelo HPV.
BRENNA et al., 2010.	Conhecimento, atitude e prática do exame de Papanicolaou em mulheres com câncer de colo uterino.	Analisar os fatores associados a não adesão das mulheres ao exame de Papanicolau e o conhecimento delas sobre o mesmo.	São muitas dificuldades a serem superadas acerca da adesão das mulheres ao exame, pois muitas mulheres só procuram atendimento médico apenas quando tem alguma queixa, e alertam também dificuldade na qualidade dos serviços públicos de saúde, como o tempo de espera

			para conseguir uma consulta e agendamento do exame.
LIMA; NASCIMENTO; ALCHIERI, 2014.	Adesão ao exame de citologia oncológica: um olhar sobre a saúde da mulher.	Compreender como funciona o sistema de saúde público acerca do exame citológico e porque algumas mulheres aderem com facilidade o procedimento e outras não.	Existe a necessidade de se aprender uma nova forma de vivenciar questões, cabendo aos profissionais de saúde da unidade básica atuar como um facilitador do acesso ao exame de citologia oncológica, com vistas à qualidade de saúde da população feminina.
ANDRADE et al., 2014.	Fatores associados a não adesão ao Papanicolau entre mulheres atendidas pela Estratégia Saúde da Família em Feira de Santana, Bahia.	Observar os fatores que estão ligados a não adesão ao exame Papanicolau em mulheres de 25 a 59 anos.	Apresentou elevada realização do exame, porém, as mulheres com fatores de risco para o desenvolvimento da neoplasia, possuem pouca escolaridade e apresentaram cobertura abaixo do esperado.
ALMEIDA et al., 2015.	Fatores Relacionados à Adesão ao Exame de Papanicolau entre as mulheres de 18 a 59 anos.	Conhecer os fatores que levam as mulheres a aderirem ao exame.	É necessário órgãos responsáveis para divulgação por parte da atenção básica, para incentivar as mulheres a prática do exame.
SANTOS; VARELA, 2015.	Prevenção do câncer de colo uterino: motivos que influenciam a não realização do exame de papanicolaou.	Descrever a importância do exame que levam algumas mulheres a não realizá-los.	A falta de conhecimento sobre o câncer uterino, o medo e a vergonha faz com que haja o impedimento de muitas mulheres realizarem o exame.
IGLESIAS et al., 2019.	Conhecimento e adesão ao Papanicolau de mulheres de uma rede de Atenção Primária à Saúde.	Analisar a adesão e o conhecimento ao Papanicolau por mulheres que frequentam Unidades Básicas de Saúde.	Idade avançada e menor nível socioeconômico são aspectos mais relevantes a não adesão a prevenção do câncer de colo uterino.

Fonte: A autora.

A partir do quadro acima, é possível observar que muitas mulheres não aderem ao exame papanicolau pela falta de informação, ou seja, a falta de conhecimento detalhado sobre o que é o câncer de colo de uterino, os malefícios que causa quando não descoberto precocemente e quando não é tratado o problema (SANTOS; VARELA, 2015). Usualmente, as mulheres mais jovens, acima dos 25 anos de idade, e com um grau de escolaridade elevado, costumam procurar com frequência assistência ginecológica, ao contrário das mulheres mais velhas e sem escolaridade (ANDRADE et al., 2014). O medo e constrangimento também são obstáculos que devem ser destacados, pois o sentimento de vergonha pode dificultar a realização do exame, pelo fato da mulher ficar tensa e não conseguir relaxar, tornando o procedimento demorado e doloroso, fazendo com essas mulheres se desagradem do exame e desistam de fazê-los no intervalo correto. Outro problema crítico é a falta de acesso da população, principalmente nas unidades de saúde públicas.

Alguns dos artigos demonstram que a demora para a realização da consulta e exame é um ponto negativo, que ocasiona a não adesão das mulheres ao exame de citológico, principalmente aquelas que já não tem a rotina de fazer anualmente (OLIVEIRA et al., 2010). A falta de campanhas de conscientização por parte dos órgãos públicos com enfoque na população feminina faz com que o interesse das mulheres diminuam ainda mais a se disporem realizar o exame (CIRINO; NICHATA; BORGES, 2010).

4 Conclusão

De acordo com a literatura, existem alguns problemas relevantes para a adesão ao exame de Papanicolau, como a falta de conhecimento da população feminina acerca do exame, juntamente com a falta de informação de órgãos públicos responsáveis pelo incentivo da prática do mesmo. Dificuldade financeira é um dos fatores críticos, pois muitas unidades básicas de saúde e hospitais oferecem o exame gratuitamente, porém o quantitativo de vagas é mínimo, fazendo com que muitas mulheres busquem o serviço privado e outras desistam do exame por não terem condições financeiras para tal. Outro ponto muito relatado é o medo e constrangimento da exposição íntima a um profissional de saúde. Através dos estudos sobre a adesão das mulheres ao câncer de colo úterino, observou-se que esse é um problema de saúde que acomete a maioria das mulheres, independente de sua vida sexual, responsável por um índice alto de mortes no mundo, porém, se detectado, precocemente, apresenta elevadas chances de cura. Dessa forma, medidas de prevenção e promoção da saúde devem consideradas para promover o conhecimento acerca do tema, possibilitando o público feminino a se disporem para a prática do exame preventivo.

5 Agradecimentos

A Deus por ter me dado saúde para superar as dificuldades.

A minha orientadora Rayana, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, obrigada.

Referências

KOOS, L. **Introdução à citopatologia ginecológica com correlações histológicas e clínicas**. 1.ed. São Paulo: Roca, 2006, 79p.

BRENNA, S. Conhecimento, atitude e prática do exame de Papanicolaou em mulheres com câncer de colo uterino. **Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, vol.17, n.4, pp.909-914, 2010.

MELO, S. Alterações citopatológicas e fatores de risco para a ocorrência do câncer de colo uterino. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, vol.30, n.4, pp.602-608, 2009.

INCA. **ESTIMATIVA de câncer no brasil**. Instituto Nacional de Câncer (INCA), 2020. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/numeros-de-cancer>>. Acesso em: 11, Fev. 2020.

FALCÃO, G. Fatores associados à realização de citologia para prevenção de câncer do colo uterino em uma comunidade urbana de baixa renda. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol.22, n.2, pp.165-172, 2014.

PELLOSO, S. Conhecimento das mulheres sobre o câncer cérvico-uterino. **Acta Scientiarum Health Sciences**, Maringá, vol.26, n.2, pp.319-324. 2004.

FERREIRA, M. Motivos que influenciam não realização do exame de Papanicolaou Segundo percepção de mulheres. **Revista de Enfermagem**, São Paulo, vol.13, n.2, pp.378-384, 2009.

ANJOS, S. Fatores de risco para câncer de colo do útero segundo resultados de IVA, citologia e cervicografia. **Revista de Enfermagem**, São Paulo, vol.44, n.4, pp.912-920, 2009.

SANTOS, U. Papanicolaou: Diagnóstico precoce ou prevenção do câncer cervical uterino. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, vol.37, n.4, pp.941-951, 2013.

MELO, W. Fatores associados a alterações do exame citopatológico cérvico-uterino no Sul do Brasil. **Revista Brasileira Saúde Maternidade Infantil**, Recife, vol.17, n.4, pp.645-652, 2017.

INCA. **TIPOS de câncer**. Instituto Nacional de Câncer (INCA), 2020. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-do-colo-do-utero>. Acesso em: 29 Mar. 2020.

MENDONÇA, V. Mortalidade por câncer do colo do útero: Características sociodemográficas das mulheres residentes na cidade de Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Ginecologia Obstetra**, Recife, vol.30, n.5, pp.248-255, 2008.

CIRINO; NICHATA; BORGES. Conhecimento, atitude e prática na prevenção do câncer de colo uterino e HPV em adolescentes. **Revista de Enfermagem**, São Paulo, vol.14, n.1, pp.126-134, 2010.

OLIVEIRA, A et al. Estudo sobre a adesão ao exame citopatológico de Papanicolau em um grupo de mulheres. **Revista Pesquisa e Saúde**, Maranhão, vol.11, n.1, pp.32-37, 2010.

ALMEIDA, S. Fatores Relacionados à adesão ao Exame de Papanicolau entre mulheres de 18 a 59 anos. **Revista de Psicologia**, Recife, vol.9, n.27, 2015.

SANTOS, A. Prevenção do câncer de colo uterino: motivos que influenciam a não realização do exame de papanicolaou. **Revista de Enfermagem Contemporânea**, São Paulo, vol.4, n.2, 2015.

IGLESIAS, G. Conhecimento e adesão ao Papanicolau de mulheres de uma rede de Atenção Primária a Saúde. **Revista Ciência Médica**, São Paulo, vol. 28, n.1, pp.21-30, 2019.

CRUZ, L. A Comunicação na abordagem preventiva do câncer do colo do útero: importância das influências histórico-culturais e da sexualidade feminina na adesão as campanhas. **Revista de Saúde Social**, São Paulo, vol.17, n.2, pp.120-131. 2008.

LIMA, A. Adesão ao exame de citologia oncológica: um olhar sobre a saúde da mulher. **Revista APS**, Rio Grande do Norte, 2014.